

A WINSTON PARVA DE LARS VON TRIER: ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* EM *DOGVILLE* (2003)

Bruno José Yashinishi¹

Tony Honorato²

Resumo: Esse artigo faz uma análise do filme *Dogville* (2003), dirigido por Lars von Trier, à luz da perspectiva sociológica de Norbert Elias e John Scotson (2000). Em *Os estabelecidos e os outsiders*, Elias e Scotson estudaram as relações de poder em uma pequena comunidade, de nome fictício Winston Parva, nas proximidades de Leicester, na Inglaterra. Os autores investigam a oposição entre os antigos (estabelecidos) e os novos habitantes da comunidade (outsiders), a fim de explicar as relações de poder, as tensões e as formas da exclusão social por meio de práticas, como a desconfiança, as fofocas e o menosprezo pelos outsiders. Essas questões estão presentes no filme *Dogville* e vividas pela personagem Grace (Nicole Kidman), que por ser ela mesma alguém “de fora”, enfrenta dramas semelhantes aos dos outsiders de Winston Parva, indo da hospitalidade interesseira dos moradores do pequeno vilarejo até o surpreendente desfecho da trama

Palavras-chave: cinema e sociologia; interação social; estabelecidos e outsiders; normas sociais.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista da CAPES. Mestre em História, cultura e identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. Possui pós graduação lato sensu em Metodologia do ensino de Filosofia e Sociologia, pós graduação lato sensu em Docência do Ensino superior e pós graduação lato sensu em Metodologia do Ensino de História e Geografia, ambas pela UNINA Curitiba - PR. Possui pós graduação lato sensu em Humanidades Estudos Interdisciplinares em Educação, Cultura e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. Graduado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná . Graduado em Filosofia pelo Centro Educacional Claretiano - Studium Theologicum de Curitiba. Graduado em Sociologia pela Universidade Paulista - UNIP.

² Pós-Doutor em Educação pela UNESP/FFC-Marília, Doutor em Educação Escolar pela UNESP/FCL-Araraquara. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, UEL. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores (Diretório CNPq), membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação (LEPHE/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa A sociologia figuracional de Norbert Elias (UNIFESP/CNPq).

LARS VON TRIER'S WINSTON PARVA: ESTABLISHED AND OUTSIDERS IN *DOGVILLE* (2003)

Abstract: This article analyzes the film *Dogville* (2003), directed by Lars von Trier, in the light of the sociological perspective of Norbert Elias and John Scotson (2000). In *The Established and the Outsiders*, Elias and Scotson studied power relations in a small community, by the fictitious name Winston Parva, near Leicester, England. The authors investigate the opposition between the old (established) and the new inhabitants of the community (outsiders), in order to explain power relations, tensions and forms of social exclusion through practices such as mistrust, gossip and the contempt for outsiders. These issues are present in the film *Dogville* and experienced by the character Grace (Nicole Kidman), who, being herself an “outsider”, faces dramas similar to those of Winston Parva's outsiders, ranging from the self-serving hospitality of the small village residents to the surprising outcome of the plot.

Keywords: cinema and sociology; social interaction; established and outsiders; social norms.

Introdução

O filme *Dogville* é uma coprodução entre Dinamarca, Suécia, Reino Unido, França e Alemanha. Dirigido e roteirizado pelo cineasta dinamarquês Lars von Trier e lançado em 2003, o filme possui uma narrativa apresentada em dez partes, incluindo um prólogo, que é um “segmento que antecede a apresentação e, em geral, narra a estória pgressa à da narrativa” (Campos, 2011, p. 388), foi filmado em tablado, com cenário minimalista, remetendo a uma peça teatral (Ballerini, 2020).

A trama do filme se passa em uma pequena cidade chamada Dogville, nos arredores das Montanhas Rochosas dos Estados Unidos, durante a década de 1930. O lugarejo é relativamente pacato, onde seus habitantes convivem de forma harmoniosa e atendendo a rígidos costumes estabelecidos historicamente. A monotonia de Dogville é, no entanto, abalada quando uma estranha chega de forma misteriosa à cidade. Grace (Nicole Kidman) está se refugiando da perseguição de gângsteres e, por acaso, busca abrigo em Dogville. O escritor local Tom Edison Jr. (Paul Bettany) decide ajudar Grace e convencer os demais moradores a acolhê-la por um tempo.

Durante o período de estadia, Grace começa a se integrar a comunidade e prestar serviços aos seus habitantes em troca de segurança. No entanto, no decorrer da trama, os moradores de Dogville começam a explorar a jovem forasteira de formas cada vez mais cruéis, inclusive com abusos sexuais e psicológicos. A situação se agrava ainda mais depois que a polícia começa a investigar o paradeiro de Grace e a comunidade a tratar como um problema. O desfecho do filme é surpreendente, com a chegada dos gângsteres à Dogville, a revelação de que a jovem é filha do chefe do grupo e um clímax violento e, ao mesmo tempo, catártico.

Os dramas vividos por Grace no filme permitem analisar a obra sob à luz dos estudos sociológicos de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), presentes no livro *Os estabelecidos e os outsiders*. Os autores estudaram as relações de poder em uma pequena comunidade, de nome fictício Winston Parva, nas proximidades de Leicester, na Inglaterra, entre os anos 1950 e 1960. Nessa obra, Elias e Scotson investigam a oposição entre os antigos (estabelecidos) e os novos habitantes da comunidade (*outsiders*), a fim de explicar as relações de poder, as tensões e as formas da exclusão

social por meio de práticas, como a desconfiança, as fofocas e o menosprezo pelos *outsiders*.

Nesse sentido, o presente artigo fará uma análise do filme *Dogville* tomando como referência a obra de Elias e Scotson. Para tanto, serão apresentados o contexto e as principais conclusões dos estudos sobre os estabelecidos e os *outsiders* em Winston Parva e como as contribuições teóricas formuladas na obra podem servir como ferramenta de análise para a narrativa cinematográfica de *Dogville*, tendo em vista a temática, os personagens e outros elementos do filme.

ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* EM WINSTON PARVA

No livro *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Norbert Elias e John L. Scotson (2000) demonstram os resultados de uma pesquisa realizada entre os anos de 1950 e 1960 sobre a delinquência juvenil, a organização familiar e as associações locais de uma pequena cidade, nas proximidades de Leicester, na Inglaterra, chamada Winston Parva.

A comunidade era formada por três zonas diferentes: a zona 1, correspondente à área de classe média da cidade, contendo a população mais privilegiada; a zona 2, composta por famílias de operários estabelecidos há duas ou três gerações, formando a região mais antiga; e a zona 3, área mais recente, formada por famílias de operários. Apesar de não existirem grandes diferenças nos aspectos de nacionalidade, etnia, renda, trabalho ou nível educacional entre os habitantes de Winston Parva, Elias e Scotson demonstram que havia uma separação evidente entre dois grupos sociais: o dos estabelecidos, formado pelos habitantes das zonas 1 e 2 e que ocupavam posições de poder e prestígio na comunidade; e o dos *outsiders* (os de fora, marginais, excluídos), formado pelos moradores da zona 3, que eram marginalizados pelo outro grupo:

Bastava falar com as pessoas de lá para deparar com o fato de que os moradores de uma área, na qual viviam as famílias nativas, consideravam-se humanamente superiores aos

residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente. Recusavam-se a manter qualquer contato social com eles, exceto exigindo por suas atividades profissionais; juntavam-nos todos num mesmo saco, como pessoas de uma espécie inferior. Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora' [outsiders]. (Elias; Scotson, 2000, p. 20).

A pergunta sociológica que motiva os autores é justamente: “como é que os membros de um grupo mantêm entre si a crença de que são mais poderosos e seres humanos melhores do que os de outro grupo, ao mesmo tempo em que impõem essa mesma crença aos menos poderosos?” (Leão; Landini, 2022, p. 67).

Para Elias e Scotson (2000), o fator que motivava essa segregação na comunidade consistia no tempo de residência. Os moradores mais antigos formaram entre si fortes vínculos de parentesco e de amizade, tendo histórias em comum e maior intimidade para compartilhar acontecimentos individuais e da comunidade. No entanto, os moradores que chegaram há menos tempo não partilhavam dos mesmos aspectos de sociabilidade dos outros moradores que chegaram há mais tempo, além de não possuírem laços e vínculos tão fortes com Winston Parva.

Naquela pequena comunidade, a superioridade de forças do grupo estabelecido desde longa data [...] baseava-se no alto grau de coesão de famílias que se conheciam havia duas ou três gerações, em contraste com os recém-chegados, que eram estranhos não apenas para os antigos residentes como também entre si. Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguiam reservar para as pessoas de seu tipo os cargos importantes das organizações locais, como o conselho, a escola ou o clube, e deles excluir firmemente os moradores da outra área, os quais, como grupo, faltava coesão (Elias; Scotson, 2000, p. 22).

As consequências dessa divisão entre os moradores de Winston Parva implicavam no aumento dos índices de criminalidade da localidade, sendo decorrentes do processo de estigmatização sofrido pelos novos moradores. Elias e Scotson consideram que a rotulação negativa, a exclusão da vida comunitária, o preconceito e os estigmas sociais aplicados aos *outsiders* são frutos da afirmação da superioridade moral e da manutenção do *status* social privilegiado dos moradores estabelecidos.

Ainda que a obra *Os estabelecidos e os outsiders* tenha investigado uma pequena comunidade específica, suas conclusões fazem alusão a diversas situações históricas e cotidianas em que um grupo social estigmatize e inferiorize outros grupos.

De forma ampla, o embate entre os grupos estabelecidos e outsiders pode ser compreendido também como parte da história do processo de civilização ocidental, o qual não deve ser reduzido às lutas que redundaram na queda dos senhores feudais, tampouco resumido às disputas entre as classes aristocráticas e burguesas. O modelo teórico estabelecidos-outsideers joga luz nos conflitos sociais que dividem os seres humanos e os colocam uns em oposição aos outros, possibilitando analisar as lógicas distintivas que formam a base da autojustificação para processos de estigmatização e discriminação que envolvem graus diversos de violência simbólica, psicológica ou física (Leão; Landini, 2022, p. 77).

O estudo desenvolvido por Elias e Scotson permite a reflexão sobre as dinâmicas de poder e exclusão ainda presentes na atualidade e em diversos contextos sociais. Essas dinâmicas estão fundamentadas no sentimento de superioridade de um grupo social sobre outro, levando à exclusão e a persistência dos estigmas sociais.

Os estabelecidos de *Dogville*

A narrativa do filme *Dogville* é dividida em um prólogo e 9 capítulos, apresentados de forma linear e semelhante a uma peça teatral. Para Marcelo Matos (2009), o filme de Lars von Trier utiliza a linguagem teatral em sua estrutura narrativa valendo-se da encenação dialética das peças de Bertold Brecht, conforme Marcelo Matos (2009, p. 112):

No filme *Dogville*, o distanciamento brechtiano é explicitamente notado na concepção cenográfica onde toda uma cidade é construída no imaginário do espectador a partir de desenhos e indicações de marcas no chão. Os atores andam naturalmente por elas obedecendo fielmente as suas entradas e saídas, criando, assim, a sensação de serem peças de um jogo num tabuleiro.

Já no prólogo são apresentados alguns personagens, habitantes da pequena

Dogville. Tom, o escritor, se relaciona com todos eles de forma amistosa, demonstrando a familiaridade e os laços de sociabilidade e coesão entre o grupo dos estabelecidos.

No capítulo 1, Tom conhece Grace. O jovem escritor ouve sons de tiros e em seguida percebe a presença de Grace perambulando pela Elm Street, a única rua da cidade³ Após esconder a moça e dispersar com os criminosos que a estavam perseguindo, Tom acolhe Grace em sua casa e lhe oferece comida. Grace diz que não quer comer, mas Tom afirma que naquela cidade não aceitar comida é uma atitude rude. Ao observarem Winston Parva, Elias e Scotson (2000) dizem que, por estarem estabelecidos na comunidade há gerações, os habitantes compartilhavam valores e códigos de comportamento em comum, e os recém chegados para serem dignos de mínimo reconhecimento deveriam assimilar a normatividade.

Tom garante a Grace que os moradores de Dogville são pessoas boas e vão a acolher bem. É então que Tom convoca uma reunião com os habitantes da cidade, fala sobre o senso de comunidade e lhes apresenta Grace. Os moradores são convencidos a permitirem que Grace fique ali por duas semanas, período estipulado para que ela demonstre ser de confiança. As condições impostas a jovem é que ela trabalhe para os habitantes de Dogville em troca de sua segurança.

Ainda nesse primeiro capítulo, em um diálogo entre Tom e Grace, o escritor afirma que ninguém costuma sair de Dogville, inclusive, os moradores de lá não votam mais já há algum tempo, pois possuem seu próprio código de conduta. Essa coesão do grupo dos estabelecidos, capaz de regular os sentimentos e formas de condutas individuais, foi observada por Elias e Scotson ao investigarem Winston Parva. Leão e Landini (2022, p. 75) afirmam que:

Elias discute, assim, a coesão grupal como força reguladora dos sentimentos e condutas individuais – e, portanto, a relação entre grupo e a formação da personalidade, entre coação externa e autocoação. O pertencimento ao grupo e as relações com os demais integrantes contribui para a formação da consciência individual – o

³ É interessante notar que o narrador do filme diz em voz *off* que a rua se chama Elm apesar de não terem olmos ou ulmeiros na cidade. No entanto, Elm Street é o nome da rua do filme de horror *A hora do pesadelo*, de 1984 (título em inglês: *A nightmare on Elm Street*), onde o personagem Freddy Krueger faz suas vítimas. Referência ou não, supostamente o nome da rua simboliza que Dogville será um pesadelo para Grace.

membro de um grupo estabelecido pode ser indiferente à opinião de membros de grupos outsiders, mas não é indiferente à opinião de seus pares. A autoimagem e a autoestima do indivíduo estão, assim, ligadas ao que seus pares pensam dele.

No capítulo 2, Grace começa a prestar serviço aos moradores de Dogville, ainda que estes, a princípio, achem que não precisam dela. Entretanto, todos estão se simpatizando com Grace, exceto Chuck (Stellan Skarsgard). Chuck demonstra antipatia por Grace, mas ela consegue convencer sua esposa Vera (Patricia Clarkson) cuidando de seus filhos. Ao conversar com Chuck, Grace descobre que ele também veio de fora, mas já se integrou a comunidade há bastante tempo. Chuck diz a Grace que a cidade apodreceu de dentro pra fora.

No capítulo 3, Grace se entrega a uma provocação barata. Jack McKay (Ben Gazzara) é um senhor que vive sozinho e está cego, porém, não admite sua condição a ninguém. Passadas duas semanas, a jovem recebe presentes dos moradores, caso fosse decidido que ela tivesse que partir. No entanto, a comunidade novamente se reúne e decide pela permanência definitiva de Grace através de uma eleição.

É interessante perceber nesses primeiros capítulos do filme que os estabelecidos de Dogville frequentemente se reúnem para decidir questões relacionadas à cidade. Elias e Scotson (2000, p. 100) perceberam que essa prática também se fazia presente em Winston Parva, onde as participações em variadas associações locais promoviam o estreitamento dos vínculos entre os moradores.

Tal como as atividades das associações centradas nas igrejas e capelas, as ligadas à política só constituíam um tipo especializado de atividade no caso de um pequeníssimo número de pessoas. Para a maioria dos participantes, eram simplesmente uma outra forma de atividade social das horas de lazer. E o mesmo se aplicava a suas convicções políticas. Para a maioria das pessoas, elas eram parte integrante de um sistema de crenças mais geral primordialmente determinado pelos assuntos comunitários e apenas secundariamente por questões nacionais.

No capítulo 4, os habitantes de Dogville decidem pagar um pequeno salário a Grace. Tom e outros moradores reformam o velho moinho da cidade para que Grace possa viver nele. O sino da cidade bate anunciando que gente estranha se aproxima,

portanto a prática se torna um sinal para que Grace possa se esconder. O estranho era o xerife de Georgetown, cidade maior e mais próxima de Dogville. O xerife cola um cartaz com a foto de Grace e o anúncio de “procurada”. Os moradores ficam com medo, pois se trata de um caso de polícia. Porém, Tom mais uma vez consegue acalmar os ânimos em defesa da permanência de Grace.

No capítulo 5, a comunidade de Dogville comemora o feriado estadunidense de 4 de julho com uma ceia. Tom e Grace estão cada vez mais interdependentes e se declaram apaixonados um pelo outro. Durante a ceia, Jack elogia Grace e agradece por ela ter aparecido em Dogville.

O xerife volta à cidade, Grace se esconde. O chefe da polícia afirma que ainda procura pela jovem e que ela estaria envolvida em um assalto a banco há duas semanas. Como Grace não saiu de Dogville nesse período, os moradores desacreditam da informação dada pelo xerife, mas se sentem desconfortáveis demais por terem que escondê-la dos policiais. É então que a população exige que Grace trabalhe por mais horas e receba menos salário por isso. Para garantir sua segurança, Grace consente. Tom vai ao moinho à noite e beija Grace. No entanto, eles não têm relações sexuais, pois acreditam ainda não ser a hora certa.

A partir do capítulo 6, os moradores de Dogville começam a mostrar suas verdadeiras faces. Jason (Miles Purinton), um dos filhos de Chuck que está sob os cuidados de Grace a obriga a puni-lo com palmadas, fazendo chantagem de que vai entregar a moça caso não bata nele. A polícia volta à cidade, desta vez acompanhada por agentes do FBI. Grace, que estava na casa de Chuck é surpreendida com o próprio, que adentra a residência, manda seus filhos pra fora e agarra a jovem à força, estuprando-a violentamente. Grace não pôde reagir, pois se o fizesse, chamaria a atenção dos policiais.

No capítulo 7, a exploração de Grace pelos moradores se intensifica e ela está decidida a deixar Dogville, no entanto, seus esforços são em vão. Vera, esposa de Chuck repreende Grace por ter batido em seu filho. Chuck continua estuprando Grace. Certa noite, Vera e outras mulheres vão à casa de Grace e dizem que a jovem seduziu Chuck. Como punição, Vera quebra os bonecos de porcelana que foram comprados por Grace. No dia seguinte, a jovem forasteira conta a Tom sobre todos os abusos que

tem sofrido. O casal planeja a fuga de Grace. Tom diz que vai emprestar dinheiro do seu pai para que sua amada possa fugir.

Grace recorre a Ben (Zeljko Ivanek), que tem uma caminhonete e sempre vai levar coisas para vender na cidade de Georgetown. Ela se esconde entre caixas de maçãs na carroceria da caminhonete e parte de Dogville. Porém, a certa altura da viagem, Ben para o veículo, entra na carroceria junto com Grace e diz a jovem que há policiais na estrada. Nesse momento, Ben também estupra Grace alegando que fazia parte do pagamento de sua fuga. Quando a caminhonete para, eles estão novamente em Dogville e todos os moradores descobrem a tentativa de fuga. O pai de Tom afirma que foi roubado na noite anterior e culpa Grace. Ben diz não saber que a jovem estava escondida em sua caminhonete. Como punição, os moradores acorrentam Grace a uma pesada roda de ferro, colocando-lhe uma coleira acoplada a um sininho, que é para alertar se houver outra tentativa de fuga.

No desenrolar desses capítulos é possível notar que todas as punições e o tratamento desumano dos estabelecidos com relação à Grace estão fundamentados, por um lado, no sentimento de superioridade dos moradores de Dogville e, por outro lado, na desumanização da jovem através dos estigmas sociais a ela afligidos. Elias e Scotson (2000, p. 19) afirmam que:

[...] Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (e se autorrepresentam) como humanamente superiores. O sentido literal do termo “aristocracia” pode servir de exemplo. Tratava-se de um nome que a classe mais alta ateniense, composta de guerreiros que eram senhores de escravos, aplicava ao tipo de relação de poder, que permitia a seu grupo assumir a posição dominante em Atenas. Mas, significava, literalmente, “dominação dos melhores”.

No capítulo 8, acorrentada e com a locomoção comprometida, Grace é estuprada por todos os homens de Dogville, exceto Tom. Tom convoca uma nova reunião, onde Grace deve falar a verdade sobre o que pensa sobre cada um dos moradores. O escritor não confessou ter pegado o dinheiro do seu pai, mas acusou Grace, alegando estar a defendendo com isso. Tom vai ao moinho durante a noite, tenta fazer sexo com Grace, mas ela ainda se mostra relutante. Tom fica bravo com

isso e decide entregar Grace aos gangsteres, pois havia recebido um cartão do chefe dos criminosos e o guardou escondido esse tempo todo. Na manhã seguinte, todos tratam Grace de forma muito amigável, o que a deixa confusa. Dias depois, durante a noite, os moradores trancam Grace no moinho. Os carros dos gangsteres chegam à cidade.

No capítulo 9, os criminosos libertam Grace do cativo. A jovem entra no carro do chefe do grupo e então ocorre a revelação de que ela era na verdade filha do chefe. Os moradores sentem-se satisfeitos com a entrega de Grace, inclusive Tom. O clímax final será comentado adiante.

Grace, a *outsider*

Norbert Elias e John L. Scotson (2000, p. 113) constataram que, em Winston Parva, os moradores da Zona 3, ou seja, os recém-chegados considerados *outsiders*, foram estigmatizados e tratados como classe inferior de pessoas desde os primeiros tempos:

E, por mais que a situação se houvesse modificado, sua rejeição e sua exclusão continuaram a ser partes integrantes da imagem que os "aldeões" tinham de Winston Parva e de si mesmos. Elas sancionavam a superioridade destes como membros da parte "antiga" e "distinta" de Winston Parva. Para os membros de uma comunidade de imigrantes vindos de diferentes partes do país, essa atitude dos "aldeões" tornava ainda mais difícil do que já era romper as barreiras que existiam entre eles mesmos, como estranhos, e desenvolver uma vida comunitária em seu bairro. Estreitamente ligada a sua desunião estava a incapacidade dos recém-chegados de se afirmarem em relação aos residentes mais antigos e revidarem. Ao contrário, a maioria deles parecia aceitar, ainda que a contragosto, o status inferior que lhes era atribuído pelos grupos já estabelecidos.

Grace aparece pela primeira vez no filme somente no capítulo 1, depois do prólogo. Nesse sentido, o filme primeiro estabelece as relações entre espectador e os personagens e entre eles próprios, no sentido de apresentar os estabelecidos antes dos *outsiders*. Quando Grace aparece perambulando por Dogville, a iluminação do

cenário fica oscilante e mais escura, para exprimir o sentimento de estranhamento e mistério em torno da personagem *outsider*. Após conhecer Tom, Grace é apresentada aos moradores e à condição de que terá que trabalhar para eles se quiser permanecer na pequena cidade.

No capítulo 2, Grace se dedica ao trabalho braçal e oferece uma hora de seu dia para cada um dos estabelecidos. No começo, os moradores resistem, mas aos poucos vão se acostumando com os trabalhos de Grace. No capítulo 3, a jovem começa a adentrar nas intimidades e segredos dos moradores, como no caso de Jack, o cego. Após a reunião convocada por Tom duas semanas depois da chegada de Grace, sua permanência em Dogville é aceita unanimemente, haja vista que a personagem aceitou se submeter as normas dos estabelecidos.

No capítulo 4, Grace vai se inteirando as regras da pequena comunidade. Passa a receber um pequeno salário, consegue o velho moinho como lar e é protegida da polícia pelos moradores. No capítulo 5, a jovem forasteira sente-se mais próxima de Tom e de todos os outros. Na ceia de comemoração ao 4 de julho, é elogiada por Jack e os demais concordam com a sua presença entre eles. Com a nova visita do xerife, os moradores sentem-se acuados e impõem novas condições aos trabalhos de Grace, intensificando a exploração dela em troca de segurança.

Nesse capítulo, uma cena é bastante simbólica para se referir à condição do *outsider*. Grace está andando por Dogville e passa por uma trilha entre os arbustos de groselha da senhora Ma Ginger (Lauren Bacall). A senhora Ginger a repreende de forma incisiva, afirmando que ela não deve cortar caminho por ali, pois somente os moradores mais antigos podem fazer isso. Apesar de sentir-se pertencente a Dogville, Grace é lembrada por Ma Ginger que sempre será uma *outsider*. Ao comentarem sobre *Os estabelecidos e os outsiders*, Leão e Landini (2022, p. 70) constataam que:

Todos os que estão inseridos no grupo dominante participam do carisma grupal, e pagam um preço por esse pertencimento: a submissão às normas específicas do grupo, preço que tem que ser individualmente pago pela sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos [...] Já os outsiders são vistos como anômicos, pessoas que põem em risco o respeito às normas e tabus coletivos do grupo estabelecido, bem como, e conseqüentemente, podem afetar o orgulho e a identidade dos membros desse grupo. Isso significa que o contato mais íntimo com eles é desagradável.

Como mencionado anteriormente, a partir do capítulo 6, Grace é explorada pelos moradores de Dogville, inclusive sendo violentada psicologicamente e sexualmente. Em vários momentos, a jovem é enganada, coagida e estuprada. Quando recebe a visita de Vera e de outras mulheres à noite no moinho, Grace é vítima de falsas acusações de que seria ela quem seduzira Chuck. A fofoca se espalhou pelo povoado até chegar aos ouvidos da esposa de Chuck. Elias e Scotson (2000, p. 131) perceberam que os *outsiders* em Winston Parva eram alvos constantes de desconfiança e de fofocas depreciativas por parte dos moradores estabelecidos.

Assim, as calúnias que acionam os sentimentos de vergonha ou culpa do próprio grupo socialmente inferior, diante de símbolos de inferioridade e sinais do caráter imprestável que lhes é atribuído, bem como a paralisia da capacidade de revide que costuma acompanhá-los, fazem parte do aparato social com que os grupos socialmente dominantes e superiores mantêm sua dominação e superioridade em relação aos socialmente inferiores. Há sempre uma suposição de que cada membro do grupo inferior está marcado pela mesma mácula. Eles não conseguem escapar individualmente da estigmatização grupal, assim como não conseguem escapar individualmente do status inferior de seu grupo.

No capítulo 7, Grace tenta fugir na caminhonete de Ben, mas acaba sendo violentada e volta a Dogville onde é punida com maior exploração do trabalho e acorrentada a uma roda de ferro. No capítulo 8, os casos de estupro se multiplicam, Grace é acusada pelo roubo do dinheiro do pai de Tom, e este, para sanar sua decepção de não fazer amor com ela, a entrega aos gangsteres.

As situações a quais Grace foi submetida refletem a exclusão social e o sentimento de inferioridade a ela submetido. “Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade” (Elias; Scotson, 2000, p. 22). O capítulo final do filme apresenta uma forma de reação de Grace, a *outsider*, através da violência.

O clímax final de *Dogville*: a violência como alternativa de grace

No último capítulo do filme, os gangsteres chegam à Dogville, libertam Grace das correntes e a jovem entra no carro do chefe para uma conversa. É nesse momento que o espectador descobre a verdade sobre Grace, seu passado criminoso e o fato de ser filha do chefe dos criminosos.

Grace e seu pai discutem por uns momentos, conversam sobre arrogância e poder e a oportunidade que a moça terá de liderar o grupo dos gangsteres se voltar ao convívio do pai. Após a conversa, Grace decide definitivamente deixar Dogville e ordena aos criminosos que incendeiem todas as casas da cidade e matem todos os seus habitantes.

Os gangsteres cometem a chacina, não poupando nem as crianças. Inclusive, Grace pede para que os bandidos matem os filhos de Vera antes dela e que ela possa assistir tudo, pois foi a esposa de Chuck quem quebrou os bonecos de porcelana comprados por Grace e fez questão que ela assistisse, o que a levou a um choro desesperado. Após o massacre, Grace se aproxima de Tom e faz questão de matá-lo pessoalmente.

Em Winston Parva, o desequilíbrio na relação de poder entre estabelecidos e *outsiders* fez que, com o tempo, o grupo inferiorizado passasse a incorporar as depreciações vindas daqueles que se consideravam humanamente superiores:

As crianças e adolescentes da minoria desprezada do loteamento habitacional eram evitados, rejeitados e tratados com frieza pelos colegas "respeitáveis" da "aldeia" com um rigor e crueldade ainda maiores do que os reservados a seus pais, porque o "mau exemplo" que davam era uma ameaça às defesas dos jovens "respeitáveis" contra seus próprios impulsos internos de desregramento; e, como a minoria mais rebelde dos jovens sentia-se rejeitada, procurava revidar, portando-se mal de maneira ainda mais deliberada. Saber que, sendo barulhentos, destrutivos e insultuosos, eles conseguiam incomodar aqueles por quem eram rejeitados e tratados como párias funcionava como um incentivo adicional... para o "mau comportamento". Eles gostavam de fazer exatamente as coisas que lhes eram censuradas, como um ato de vingança contra aqueles que os censuravam (Elias; Scotson, 2000, p. 30).

Para Elias e Scotson (2000), crianças e adolescentes do grupo dos *outsiders* eram tratados com mais desprezo e rejeição do que os adultos. Conforme Lima (2015, p. 551):

Isto porque o temor dos “maus exemplos” era justificado pela defesa de uma “boa moral” para os jovens “respeitáveis”, enquanto estes deveriam lutar contra seus próprios impulsos internos de desregramento. Por outro lado, na medida em que a minoria mais rebelde dos jovens se sentia rejeitada, ela própria procurava revidar portando-se mal de maneira ainda mais agitada. Sendo destrutivos, barulhentos, insultuosos, eles incomodavam àqueles que os rejeitavam.

Assim como os atos de vandalismo e a delinquência juvenil em Winston Parva, tal como constataram Elias e Scotson, a reação violenta de Grace tornou-se uma alternativa de revidar todo o processo de estigmatização sofrido pelos habitantes de Dogville. Antes de partir com seu pai, a moça ouve os latidos de Moisés, o único cachorro de Dogville⁴. Grace ordena que o cão seja poupado, o único sobrevivente da cidade que ela nunca mais quer se recordar.

Considerações finais

Através desse artigo foi possível estabelecer relações entre os resultados da pesquisa sociológica de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) na pequena cidade de Winston Parva com o drama vivido pela personagem Grace, no filme *Dogville*, de Lars von Trier.

Em *Os estabelecidos e os outsiders*, Elias e Scotson descreveram as relações de poder existentes em Winston Parva, apontando como se davam as tensões e formas de exclusão social, estigmatização e práticas de menosprezo entre os moradores mais antigos e os recém-chegados. A desconfiança, as fofocas, a

⁴ Moisés aparece desenhado no chão durante algumas cenas do filme e só no final aparece como um cachorro de verdade. É interessante mencionar que o cão foi o único sobrevivente de Dogville, que em uma tradução literal significa “Cidade do cachorro”.

desumanização dos *outsiders* pelos estabelecidos e o sentimento de superioridade destes reforçavam a divisão social da comunidade.

Em *Dogville* (2003), Grace é uma *outsider* e é tratada dessa forma pelos habitantes estabelecidos. A personagem sofre terríveis formas de violência, humilhação, desconfiança e estigmatização, até que ao final da trama se vinga de maneira violenta e impetuosa.

Cabe aqui mencionar que o filme de Lars von Trier permite outras tantas reflexões sociológicas, históricas e filosóficas, sendo uma característica peculiar do diretor realizar obras que incitam à reflexão, à catarse e a temas sociais controversos.

Por fim, a Winston Parva de Lars Von Trier, e os Estabelecidos e *outsiders* em *Dogville*, permitem compreender que o sentimento de superioridade se funda na autoimagem de supostos seres humanos superiores representada pelos membros de um mesmo grupo interdependente com outros. Há um mecanismo de fazer com que os indivíduos inferiorizados se sintam, eles mesmos, subalternizados e indignos de confiança e apreço social. Assim, o processo de estigmatização, imputado na relação entre grupos em desigualdades de acesso às fontes de poder, de um lado pode assegurar forçadamente identidades tidas como superiores e, por outro lado, pode reafirmar sentimentos de inferioridades forjando identidades depreciadas.

Referências

BALLERINI, Franthiesco. **História do cinema mundial**. São Paulo: Summus, 2020.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DOGVILLE. Direção: Lars von Trier. Produção: Carsten Holst. Dinamarca; Suécia; Reino Unido; França; Alemanha: Lions Gate Entertainment; Imovision, 2003. son., color. 1 DVD (177 min).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEÃO, Andréa Borges; LANDINI, Tatiana S. **10 lições sobre Norbert Elias**. Petrópolis: Vozes, 2022.

LIMA, Marcos Aurélio. Relações de poder entre os estabelecidos e os *outsiders*: contribuições de uma metodologia configuracional na obra de Elias e Scotson. *Holos* [on-line]. 2015, vol. 6, p. 544–554, 2015. ISSN: 18071600. Recuperado de: <<https://doi.org/10.15628/holos.2015.2626>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MATOS, Marcelo. Cinema e drama. In: DROGUETT, Juan Guilherme D; ANDRADE, Flavio F. A. (Org.). **O feitiço do cinema**: ensaios de griffe sobre a sétima arte. São Paulo: Saraiva, 2009 (p. 109-120).

Recebido: 30/04/2024

Aceito: 25/10/2024